

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 4



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 4 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 4)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-934-9
DOI 10.22533/at.ed.349202001

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravo Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os levars dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos levars de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
LIBERDADE SEXUAL E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA CANÇÃO <i>MARIA CHIQUINHA</i>	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira Anna Clara de Oliveira Carling	
DOI 10.22533/at.ed.3492020011	
CAPÍTULO 2	9
AS SALAS DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL COMO POLÍTICA DE INCLUSÃO	
Daniel de Oliveira Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.3492020012	
CAPÍTULO 3	14
AVALIAÇÕES DE BIOLOGIA: O QUE DIZEM ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO	
Mariana Bolake Cavalli Bruno Garcia Pires Juliana Moreira Prudente de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 4	26
CELING (CENTRO DE LÍNGUAS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON): ENTRE DIÁLOGOS INTERCULTURAIIS NA CONTEMPORANEIDADE E A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE	
Elisângela Redel Diana Milena Heck Verônica P. Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 5	39
CINOTERAPIA: PRÁTICAS TRANSDISCIPLINARES EM EDUCAÇÃO E FONOAUDIOLOGIA	
Renata Gomes Camargo Dayane Stephanie Potgurski Luana Zimmer Sarzi Camilla Fernandes Diniz Fernanda Celeste Sánchez Weber	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	

CAPÍTULO 6 49

COBERTURA VACINAL CONTRA PAPILOMAVÍRUS HUMANO EM ADOLESCENTES NO ACRE

Ruth Silva Lima da Costa
Cliviane da Costa Farias
Emiliane Souza Bandeira
Eder Ferreira de Arruda
Aylana de Souza Belchior
Marília Perdome Machado
Jair Alves Maia
Mediã Barbosa Figueiredo
Priscila Su-Tsen Chen
Jediel Rezende de Melo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.3492020016

CAPÍTULO 7 59

COREOGRAFIAS, CENOGRAFIAS, CORPOS ESCOLARES: ARGUMENTOS PARA PENSAR A FORMA DA ESCOLA

Ana Paula Lima Aprato

DOI 10.22533/at.ed.3492020017

CAPÍTULO 8 70

CRIANÇAS E A FORMAÇÃO LEITORA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo
Daniela Santos Furtado
Sirlane de Jesus Damasceno Ramos

DOI 10.22533/at.ed.3492020018

CAPÍTULO 9 76

CSI IFSC - QUÍMICA FORENSE PARA DESVENDAR UM ASSASSINATO

Marcel Piovezan
Claudia Lira
Felipe de Oliveira
Gisele Serpa
Rafael Lapolli da Silveira Venera
Karen Aparecida Justen
Paulo dos Santos Batista
Renata Pietsch Ribeiro
Tula Beck Bisol
Berenice da Silva Junkes
Wilson Pedro Espindola

DOI 10.22533/at.ed.3492020019

CAPÍTULO 10 82

CURRÍCULO ADAPTADO: UMA PROPOSTA PARA ALFABETIZAR LETRANDO

Viviane Cristina de Mattos Battistello
Ana Teresinha Elicker
Rosemari Lorenz Martins

DOI 10.22533/at.ed.34920200110

CAPÍTULO 11	91
CURSO MICROSOFT EXCEL – BÁSICO AO AVANÇADO	
<p>Natália Cardoso dos Santos Nardel Luiz Soares da Silva Jessyca Vechiato Galassi Lucas Casarotto Leonardo Backes Mosconi Nathália Cotorelli Aline Rafaela Hasper Daliana Hisako Uemura-Lima Paula Caroline Bejola Maria Antonia Urnau Daniela da Rocha Herrmann Lucas Natan Scheuermann</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200111	
CAPÍTULO 12	97
DISPOSITIVOS MÓVEIS COMO PROMOTORES DE INCLUSÃO SOCIAL	
<p>Marilene Santana dos Santos Garcia Jaqueline Becker Willian Rufato da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200112	
CAPÍTULO 13	104
DO TEXTO AO HIPERTEXTO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA NARRATIVA MÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO E NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE	
<p>Everton Nery Carneiro</p>	
DOI 10.22533/at.ed.3492020013	
CAPÍTULO 14	115
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E A INFLUÊNCIA DE OTTO PETERS	
<p>Nelson Batista Leitão Neto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.3492020014	
CAPÍTULO 15	128
EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA NO CONTEXTO DA ESCOLA: DIÁLOGOS E REFLEXÕES	
<p>Amilton Gonçalves dos Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.3492020015	
CAPÍTULO 16	140
EDUCAÇÃO INFANTIL EM JORNADA DE TEMPO INTEGRAL: OLHARES, SENTIDOS, FALAS E PERCEPÇÕES INFANTIS	
<p>Kenia dos Santos Francelino Katscilaine dos Santos Francelino</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200116	
CAPÍTULO 17	146
EDUCAÇÃO INFANTIL: DOCÊNCIA E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA	
<p>Kenia dos Santos Francelino</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200117	

CAPÍTULO 18	152
EDUCAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ASSENTAMENTO DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA, ÓROCO – PE	
Xenusa Pereira Nunes	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Francisco Assis Filho	
Xirley Pereira Nunes	
Lúcia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34920200118	
CAPÍTULO 19	160
EDUCAR NA CIDADANIA- UMA PROPOSIÇÃO RELEVANTE NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CONTEXTO ESCOLAR	
Marivalda Evangelista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.34920200119	
CAPÍTULO 20	172
ENSINANDO BIOLOGIA ATRAVÉS DO BOB ESPONJA	
Susete Wambier Christo	
Augusto Luiz Ferreira Júnior	
Ana Flávia Monteiro	
Marilise Silva Meister	
Denilton Vidolin	
DOI 10.22533/at.ed.34920200120	
CAPÍTULO 21	179
ESPÉCIES BOTÂNICAS E A INFLUÊNCIA DAS PRECIPITAÇÕES NO FORRAGEAMENTO DE <i>MELIPONA EBURNEA</i> EM RIO BRANCO, ACRE	
Carmem Cesarina Braga de Oliveira	
Francisco Cildomar da Silva Correia	
Rui Carlos Peruquetti	
DOI 10.22533/at.ed.34920200121	
CAPÍTULO 22	184
ESPECIFICIDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DE AEE	
Thalia Costa Medeiros	
Najra Danny Pereira Lima	
Mayanny da Silva Lima	
Thais Costa Medeiros	
Maria Helena Rodrigues Bezerra	
Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha	
Marcus Vinicius da Rocha Santos da Silva	
Ava Fabian dos Anjos Lima	
Beatriz Zeppelini Bezerra de Menezes Nasser	
Alice Figueiredo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.34920200122	

CAPÍTULO 23	197
EXPLORANDO JOGOS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA PARA A APRENDIZAGEM DE FRAÇÕES	
<p>Andreia Belter Fernando Feiten Pinto Ivana Letícia Damião Júlia Gabriela Petrazzini da Silva Elizangela Weber Julhane Alice Thomas Schulz Mariele Josiane Fuchs</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200123	
CAPÍTULO 24	206
FAUSEL E AUST: DOIS EXPOENTES DA LITERATURA	
<p>José Luís Félix D</p>	
OI 10.22533/at.ed.34920200124	
CAPÍTULO 25	216
FECHAMENTO DE ESCOLAS DO CAMPO: UM CRIME CONTRA OS DIREITOS HUMANOS	
<p>Jenijunio dos Santos José Guilherme Aguiar Assis Rafael de Carvalho da Costa</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200125	
CAPÍTULO 26	223
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES CAMPESINOS: O ENTRELAÇAMENTO ENTRE TECNOLOGIAS DIGITAIS PARA O ENSINO E EDUCAÇÃO DO CAMPO	
<p>Sabrina Stein Charles Moreto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200126	
CAPÍTULO 27	230
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: VOZES DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<p>Odaléa Barbosa de Sousa Sarmento Ana Leide Rodrigues de Sena Góis Jocyléa Santana dos Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.34920200127	
CAPÍTULO 28	240
FORMAÇÃO DE CÉLULAS COOPERATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ARTICULADORA, NO PROGRAMA FOCCO, CÁCERES MT	
<p>Ana Karla Pereira Viegas Cleide Aparecida Ferreira da Silva Gusmão Daniely Takekawa Fernandes Daiany Takekawa Fernandes Josimeire Teixeira Carrara Juliana Carol Braga Aponte Karla Silva da Paixão Rosane Andrade Vasconcelos</p>	

Thaysa Rodrigues da Silva Gonçalves

Thulio Santos Mota

DOI 10.22533/at.ed.34920200128

CAPÍTULO 29 243

FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO JALAPÃO - TOCANTINS

Odaléia Barbosa de Sousa Sarmento

Daniela Patrícia Ado Maldonado

Jocyleia Santana dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.34920200129

CAPÍTULO 30 246

GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES: O MEME E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Nubiana Salazar

Paula dos Reis Lanz

Luciane Maria Wagner Raupp

DOI 10.22533/at.ed.34920200130

CAPÍTULO 31 255

GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: ALGUNS ENFOQUES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE FUTUROS PESQUISADORES

Renata Cristina Geromel Meneghetti

Augusta Teresa Barbosa Severino

Gabriela Castro Silva Cavalheiro

Julyette Priscila Redling

Marcela Aparecida Penteado Rossini

DOI 10.22533/at.ed.34920200131

SOBRE A ORGANIZADORA..... 266

ÍNDICE REMISSIVO 267

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL E A INFLUÊNCIA DE OTTO PETERS

Data de aceite: 03/01/2020

Nelson Batista Leitão Neto

Universidade Paulista – UNIP
Goiânia-GO

RESUMO: O presente texto realiza uma análise dentro da Educação a Distância no Brasil e sua evolução, demonstrando uma realidade que vem atenuando em toda esfera global, traçando novos caminhos pela área de educação, onde o ensino e a aprendizagem tomam formas diferenciadas de ensino, confrontado a forma tradicional de ensinar. Destaca aspectos importantes no que tange essa área de ensino em nosso país e toda sua evolução. A preocupação maior dos pesquisadores estudados está focada principalmente na dimensão política, ou seja, nos modos de como tal modalidade de ensino tem sido utilizada e desenvolvida aqui. Otto Peters enfatiza o Ensino a Distância na essência e esses pesquisadores acabam não evidenciando tais conceitos.

DISTANCE EDUCATION IN BRAZIL AND THE INFLUENCE OF OTTO PETERS

ABSTRACT: This text analyzes the distance education in Brazil and its evolution, demonstrating a reality that has been attenuating

all over the global sphere, tracing new paths in the area of education, where teaching and learning take different forms of teaching, compared to traditional way of teaching. It highlights important aspects regarding this area of education in our country and all its evolution. The major concern of the researchers studied is mainly focused on the political dimension, that is, on the ways in which such teaching modality has been used and developed here. Otto Peters emphasizes distance learning in essence and these researchers do not end up highlighting such concepts.

1 | INTRODUÇÃO

Informações sobre a Educação a Distância na América Latina, em especial no Brasil, ainda não são tanto consistentes. Foi constatado em estudos pelo Instituto Internacional para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (Rama, 2001, p.9-10, 30) a relativa escassez e pouca informação na maioria dos países dessa região, na Educação Superior Virtual. Não existem definições e critérios comumente aceitos, indicadores e definições operacionais adequadas para o recolhimento de informações sobre programas de educação a distância on-line na América Latina. Da

mesma forma, existem lacunas de informação de muitas variáveis. Em países da América Latina, não se tabulam regularmente estatísticas sobre educação virtual e, no entanto, ela continua a ser considerada como algo especial, e não como nova abordagem a ser coordenada com o ensino em sala de aula tradicional.

Refletir sobre a influência de Otto Peters no campo da educação a distância em nosso país, possibilita-nos pensar sobre as tendências do pensamento educacional brasileira direcionado a tal problemática. Antes de darmos continuidade a tal investigação, é de grande valia salientar, dentro do contexto brasileiro, algumas formas de ensino e educação a distância realizados em nosso país.

2 | EAD NO CONTEXTO HISTÓRICO BRASILEIRO

Para que se perceba em que momento se oficializou o ensino a distância no Brasil, é de grande valor citar que em 20 de dezembro de 1996, com o Art. 80, Lei nº 9.394 (LDB), Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 1995, estabeleceu-se as diretrizes e bases da educação nacional. No referido decreto, o ensino a distância é caracterizado como uma modalidade educacional, na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação. Nesse processo, estudantes e professores devem desenvolver atividades educativas, em lugares ou tempos diversos (Art.1, MEC, Secretaria de Educação a Distância, Decreto 5.622).

Em seu § 1º, é apresentado a obrigatoriedade de momentos presenciais para EAD:

§ 1º A educação a distância organiza-se segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

I - avaliações de estudantes;

II - estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;

III - defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e

IV - atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso. (MEC, Art. 80, Lei nº 9394)

Conforme é possível observar, o artigo acima apresenta uma preocupação em mesclar as concepções tradicionais de ensino com novas formas de educar. De acordo com o Art. 2, MEC, Secretaria de Educação a Distância, Decreto 5.622, item IV-b, EAD pode ser aplicada para vários níveis educacionais, inclusive no ensino superior:

Art. 2º A educação a distância poderá ser ofertada nos seguintes níveis e modalidades educacionais:

- I - educação básica, nos termos do art. 30 deste Decreto;
- II - educação de jovens e adultos, nos termos do art. 37 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996;
- III - educação especial, respeitadas as especificidades legais pertinentes;
- IV - educação profissional, abrangendo os seguintes cursos e programas:
 - a) técnicos, de nível médio; e
 - b) tecnológicos, de nível superior;
- V - educação superior, abrangendo os seguintes cursos e programas:
 - a) seqüenciais;
 - b) de graduação;
 - c) de especialização;
 - d) de mestrado; e
 - e) de doutorado.

Saraiva (1996) assinala que, no Brasil, a EAD é marcada pelo surgimento e disseminação dos meios de comunicação. Nosso país passou pela etapa do ensino por correspondência, pela transmissão radiofônica e pela televisiva; utilizou a informática até os atuais processos conjugados de meios - a telemática e a multimídia. A utilização destas tecnologias propiciou a ampliação e a diversificação dos processos de EAD, onde se permitiu a interação quase presencial entre professores e alunos. Essa interação se deve aos meios tecnológicos que se renovam a cada momento, trazendo assim, vários formatos de comunicação e interação entre docentes e discentes, além dos meio já tradicionais de ensino e aprendizagem.

Como marco inicial da EAD no Brasil, Saraiva (1996) descreve a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e de um plano sistemático de utilização educacional da radiodifusão, como forma de ampliação do acesso à educação realizada por Roquete-Pinto, entre 1922 e 1925. Vale ressaltar que algumas ações educativas foram desenvolvidas por meio de programas de rádio com a transmissão cotidiana de aulas.

A seguir algumas experiências em EAD mencionadas por Saraiva (1996) serão discutidas, ainda que não se tenha delas um registro oficial. A Marinha utilizou o ensino por correspondência desde 1939 e o Exército ofereceu cursos por correspondência, com o intuito de preparação de oficiais para admissão à Escola de Comando do Estado Maior. O Centro de Estudos de Pessoal (CEP) desenvolveu cursos de atualização, com os seguintes recursos: material impresso e alguns multimídia; o Instituto Universal Brasileiro, sediado em São Paulo, com filiais no Rio de Janeiro e Brasília, como entidade de ensino livre, ofereceu desde a sua fundação cursos por correspondência.

Foi criado em outubro de 1941 e, pode ser considerado como um dos primeiros em nosso país, o “Informações Objetivas Publicações Jurídicas”, com sede em São Paulo, que desenvolveu em todo o país o ensino por correspondência.

Nesse mesmo ano foi criado o IUB, Instituto Universal Brasileiro, outro pioneiro em EAD no Brasil, que já formou mais de quatro milhões de pessoas, e hoje possui cerca de 200 mil alunos. Ofereceu cursos profissionalizantes e supletivos. Sua principal mídia são apostilas enviadas por correspondência (Maia e Mattar, 2009, p. 25).

Nas décadas de 1940 e 1950 mais instituições passaram a fazer uso do ensino a distância via correspondência, impulsionados pelo sucesso do Instituto Universal Brasileiro. Recentemente, foi criado o UNIUB – Cursos on-line, que substituiu o material impresso pela internet e o correio pelo e-mail, além de incorporar o chat.

Desde a década de 1970, um programa com o enfoque nas pessoas que estão na força de trabalho, em ocupações na área terciária e de serviços; o Projeto Minerva, transmitido pela Rádio MEC, com utilização de material impresso, proporcionou a milhares de pessoas realizarem seus estudos iniciais; o Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares (Projeto Saci) foi concebido e operacionalizado, em caráter experimental, de 1967 a 1974, por iniciativa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Seu objetivo era estabelecer um sistema nacional de teleducação com o uso do satélite.

Saraiva (1996) demonstra a existência de registros a partir da década de 1960. Nessa época, surgiram programas de EAD criados na estrutura do Ministério da Educação e Cultura, o Programa Nacional de Teleducação (Prontel), cuja função era de coordenar e apoiar a teleducação no Brasil. Esse órgão foi substituído, anos depois, pela Secretaria de Aplicação Tecnológica (SEAT), que foi extinta.

Conforme Belloni (2002), a primeira experiência no ensino supletivo a distância foi a novela de João da Silva, realizada nos anos 1960 pela TV Educativa do Rio de Janeiro, com a colaboração de pedagogos, professores e comunicadores. Outro programa utilizado também da TV Educativa foi a série infantil O Sítio do Pica-Pau Amarelo. Esta emissora pública (criada no ano de 1969 e vinculada ao MEC) assegurou também o primeiro ano de produção, em parceria com a TV Globo que "cedia" seus atores, levando, em contrapartida, todos os direitos sobre o produto, que ela reproduziu com grande sucesso comercial durante vários anos.

No mesmo ano, o sistema de Televisão Educativa (TVE) do Maranhão deu início a aplicação de EAD e, até os dias de hoje oferece, em recepção organizada, com o apoio de orientadores de aprendizagem, estudos de 5^a a 8^a séries do ensino fundamental, com a utilização de televisão e material impresso (Saraiva, 1996). Em 1970, a TV Globo realizou junto com a TV Cultura de São Paulo o *remake* da série americana *Sesate Street*, nomeado no Brasil como Vila Sésamo, conhecido programa de dimensão educativa para crianças, onde a TV Cultura forneceu equipamentos, a coordenação pedagógica e a TV Globo disponibilizou os atores e pessoal técnico.

Nesse período, existiu também o Experimento Educacional do Rio Grande do

Norte (EXERN) constituído por dois projetos: um focado em alunos das três primeiras séries fundamentais e o outro para a capacitação de professores. Os recursos utilizados eram rádio e televisão. Um curso de mestrado em Tecnologia Educacional foi também criado derivado do Saci (Saraiva, 1996). A partir de 1975, o INPE saiu deste projeto que teve continuidade pelo Estado do Rio Grande do Norte.

Em 1976, o projeto era então finalizado, tendo como saldo: 35 minutos diários de comunicação via satélite, em 1975; 1.241 programas de rádio e igual número para televisão; instalação de receptores em 510 escolas de 71 municípios do Rio Grande do Norte, onde 10 receberam o sinal direto do satélite e cerca de 200 receberam via estação de superfície, com retransmissão do sinal via satélite próximo a elas.

A TVE do Ceará, segundo Saraiva (1996), iniciou-se em 1974. Desde então, desenvolve o programa Tele-Ensino para alunos de 5ª a 8ª série, com foco no interior do estado. A TVE do Ceará fornece serviços às Secretarias Estaduais e Municipais de Educação através de convênios. Produz e veicula os programas de televisão e elabora o material impresso. Compete às Secretarias a cessão das salas de aula, os professores, os equipamentos e a respectiva manutenção, a reprodução e distribuição do material impresso, a supervisão e todos os aspectos logísticos, pedagógicos e administrativos de sua utilização.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) iniciou suas atividades em EAD em 1976, com a criação de um Sistema Nacional de Teleducação. De 1976 a 1988, ofereceu cerca de 40 cursos, com a utilização de material instrucional. Em 1991, o SENAC, após avaliação, reestruturou seu programa de EAD. Possuía o gerenciamento do sistema centralizado em seis estados. Após sua reestruturação, passou para as Unidades Operacionais de EAD, de cada Administração Regional. No Departamento Nacional, foi criado, em 1995, o Centro Nacional de Ensino a Distância. Até 1995, o SENAC já havia atendido cerca de 2 milhões de alunos através da EAD (Saraiva, 1996).

No estado do Rio de Janeiro, o Colégio Anglo-Americano, com sede na capital do estado, desenvolve desde o final da década de 1970, em 28 países, cursos por correspondência, com tutoria, em nível de 1º e 2º graus, para brasileiros que residiam, temporariamente, fora do país. O Centro Educacional de Niterói começou suas atividades em EAD em 1979 e oferecia vários cursos, com a utilização de módulos instrucionais com tutoria e momentos presenciais, através de convênios com Secretarias de Educação e empresas (Saraiva, 1996).

A Universidade de Brasília (UnB) tem uma experiência de mais de trinta anos em EAD através de cursos de extensão, iniciada em 1979, oferecendo mais de 20 cursos, seis dos quais traduzidos da *Open University* (Saraiva, 1996). Mais de 50 mil pessoas inscreveram-se nesses cursos a distância da UnB. O Programa de Ensino a Distância da UnB transformou-se na Coordenadoria de Educação a Distância,

em 1985, ligada ao Decanato de Extensão e, mais tarde, em 1989, no Centro de Educação Aberta Continuada a Distância (CEAD) (Saraiva, 1996).

No período do CEAD, foram criados dez cursos, entre eles, a primeira experiência em *software*, em 1992. Ele contava com um grupo de especialistas nessa área, que já utilizavam recursos de multimídia e produziam cursos apresentados em CD-ROM. Hoje (site oficial CEAD¹), quanto à sua infra-estrutura, além de sua sede, conta com salas de informática localizadas no Campus Universitário Darcy Ribeiro. Esses espaços possuem uma estrutura física adequada para as atividades de tutoria e treinamento, disponibilizando computadores individuais, acesso à internet de alta velocidade, telefone, fax e acompanhamento tecnológico especializado (Saraiva, 1996).

Ainda nas décadas 1960 teve também o MEB (Movimento de Educação de Base), o Projeto Minerva, o Mobral (Cursos de Alfabetização de Adultos) e os “Telecursos”, produzidos pela TV Globo e órgãos públicos e para-oficiais: Telecurso de 2º Grau, 1979, Fundação Padre Anchieta/TV Cultura de São Paulo; Telecurso 1º Grau, 1984, Funteve/Tv Educativa do Rio de Janeiro; Telecurso 2000, 1995, SESI/SP. Em geral, tratava-se de iniciativas oficiais em parceria com instituições privadas (Saraiva, 1996).

A Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT), na década de 1980 oferecia cursos direcionados ao aperfeiçoamento de recursos humanos através de material instrucional, permitindo acompanhamento personalizado, com tutoria (Saraiva, 1996). Cerca de 30 mil pessoas já realizaram os cursos da ABT. Em 1989, por iniciativa do CEAD da UnB, representantes de várias universidades públicas, reunidos no Distrito Federal, iniciaram a Rede Brasileira de Educação Superior a Distância (Saraiva, 1996).

Em 1994, com o auxílio da Unesco e o Instituto Nacional de Educação a Distância (INED), iniciaram o Fórum de Educação a Distância do Distrito Federal e também, no mesmo período, ainda com o apoio do INED, criaram a revista Educação a Distância - INED. Em 1995, foi organizada a 1ª Conferência Interamericana de Educação a Distância (CREAD), no Distrito Federal (Saraiva, 1996).

Belloni (2002) menciona, ainda sobre a década de 1990, a existência de uma experiência que pretendia ser inovadora no campo da formação de professores com o uso da EAD. Esses professores se utilizavam de programas de grande porte dos governos federal ou estaduais, dentre os quais se destacaram as iniciativas do MEC, com os programas de formação continuada: Um Salto para o Futuro (1991) e TV Escola (1996). Também se pode observar a primeira experiência de formação inicial de professores do ensino básico feita à distância no Brasil, a licenciatura de pedagogia desenvolvida no estado de Mato Grosso (Licenciatura Plena em Educação

1 http://www.cead.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=3 acesso em 13/03/11

Básica: 1^a à 4^a série do 1^o grau).

Belloni (2002) alerta para a falta de motivação e políticas mais efetivas de valorização do magistério, como sendo o motivo para uma maior participação dos professores na experiência de implantação da TV Escola, no estado de Santa Catarina, em 1999 e 2000, e que revelou os mesmos problemas já encontrados sobre a experiência semelhante da implantação do Programa Um Salto para o Futuro, em 1996.

Segundo Belloni (2002), o programa de formação continuada de professores via televisão, tendo a TV Escola como uma forma de EAD de grande porte do Ministério da Educação (Secretaria de Educação a Distância – SEED), oferecia aos professores da educação básica oportunidades de formação continuada, nos moldes da educação a distância, e buscava contribuir de forma aberta, flexível e informal (não-regular, sem avaliação nem certificação) para a melhoria dessa formação. A TV Escola tem como fundamento e ampliação da proposta e a estrutura básica do Programa Um Salto para o Futuro, criado pela TVE do Rio no início da década de 1990. Seus objetivos, assim como os da TV Escola, referiam à formação continuada² de professores do ensino fundamental.

Tinha como base a difusão televisual diária e ao vivo com uma comunicadora e dois especialistas, que expunham o assunto do dia e respondiam às questões dos telespectadores. Do ponto de vista das técnicas de comunicação e das estratégias de recepção, os dois programas diferem bastante: enquanto o primeiro era realizado ao vivo, com recepção organizada e com possibilidades de participação direta de alguns ouvintes via telefone ou fax, a TV Escola transmitia três vezes ao dia o mesmo bloco de programação, e se baseava na gravação e organização para posterior uso dos programas pelos professores.

O Programa TV Escola, criado pela Secretaria de Educação a Distância/ MEC, tinha como finalidade disseminar de forma mais rápida, ampla e democrática uma programação para desenvolvimento, estímulo a interação e o intercâmbio de informações entre professores, visando, assim, formar, aperfeiçoar e valorizar os docentes para melhorar o ensino e reduzir as taxas de evasão e repetência nas escolas. Destinado a professores, diretores, funcionários e alunos das instituições públicas de educação básica, beneficiando escolas com mais de 100 alunos³. O objetivo desse programa era atingir também a comunidade associada à escola, sendo uma forma de acesso à cultura e ao conhecimento, por intermédio do programa Escola Aberta, que é transmitido aos sábados e conta com programas voltados para o lazer.

Nunes (2010) argumenta que, em Goiás, existiram na década de 1970, os

2 De cunho permanente e em serviço (Belloni, 2002, p.06)

3 No total, foram atendidos cerca de 900 mil professores e 23 milhões de alunos – 85% dos estudantes do ensino fundamental.

primeiros vestígios de EAD com o projeto LUMEN, cuja finalidade era a formação de professores que não tinham finalizado o ensino fundamental e médio, conhecido como curso normal na época. O projeto LUMEN foi realizado de 1973 até 2002. Outro projeto de EAD em Goiás foi o projeto MAGISTER (I, II, e III - 1978) onde atendeu mais de seis mil professores em mais de cem municípios do estado.

Em 1997, por intermédio da Coordenação de Educação Aberta e a Distância, a UCG inicia o Programa de Graduação Itinerante com o oferecimento de cursos de graduação na modalidade a distância. Tendo atuado até a presente data em cinco Pólos fixados nas cidades de Santa Fé, Inhumas, Valparaíso, Jaupaci e São Luiz de Montes Belos, formando aproximadamente 900 alunos em cursos de Licenciatura e Administração de Empresas (fonte: <http://cead.pucgoias.edu.br/cead.html> acesso em 05 de março de 2012).

No período de 2000 a 2002, a execução do Programa ocorre uma descontinuidade, refletindo a falta de novas propostas que contemplasse essa modalidade de educação. Cabe reafirmar que esse fato reforça a importância da criação e institucionalização da Coordenação para que o mesmo possa estar vinculado ao planejamento de gestão institucional da PUCGO. Desde 2004, com a retomada das ações na modalidade de educação a distância, novas ações foram desenvolvidas fortalecendo essa modalidade de educação na Instituição.

Na década de 90 foi implementado também o CIAR (Centro Integrado de Aprendizagem em Rede) da Universidade Federal de Goiás, que se dedica a desenvolver estratégias para a implementação das políticas educacionais de integração das tecnologias em processos de formação acadêmica do ensino superior público e gratuito, por meio de propostas alternativas voltadas para melhoria do ensino, democratização, ampliação do acesso e inovação técnico-pedagógica. Esse trabalho exige a revisão de postulados teóricos vigentes e o repensar sobre as propostas de estabelecer relações pedagógicas, tecnológicas e de aprendizagem em redes (fonte http://www.ciar.ufg.br/v4/index.php?option=com_content&view=article&id=24&Itemid=10 acesso em 05 de março de 2012).

3 | OS ESTUDOS DE OTTO PETERS NO BRASIL

3.1 A pesquisa em EAD no Brasil

Em pesquisa realizada no site do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), dentro da plataforma Lattes, verificamos no primeiro momento, todos que possuem cadastro de suas publicações ou formações sobre EAD, de uma forma generalizada.

Foram identificados 12.534 resultados. A partir daí, por amostragem, entramos

em 32 desses selecionados.

Neles, foram constatados, em todos os casos que se tratava apenas de usuários que realizaram alguma atividade em EAD, graduação (25) ou pós-graduação (07), na grande maioria sem nenhuma publicação teórica (apenas 1 das pós-graduações era voltada para a Educação a Distância, sem referência de Peters).em EAD

O processo seguinte foi o refinamento da pesquisa, tentando identificar a EAD por Otto Peters. Os resultados foram 8 currículos, distribuídos da seguinte forma:

1. Na região Centro-Oeste (Goiás), uma pesquisadora com o título de mestrado;
2. Na região Sudeste (Minas Gerais), uma pesquisadora com o título de mestrado;
3. Na região Sul (Rio Grande do Sul-Paraná), seis pesquisadores com o título de doutores.

Dando continuidade a pesquisa, a análise feita foi “EAD Brasil”, identificando 4483 resultados. Nesse universo, foram verificados 176 currículos. Neles continham assuntos tais como: críticas, qualidade em EAD, aplicações, etc (157). Em 19 apenas mencionavam participação em cursos de superiores ou seminários. Dos 157, foram identificados:

1. Na região Centro-Oeste 23 currículos;
2. Na região Sudeste 31 currículos;
3. Na região Sul 79 currículos;
4. Na região Nordeste 14 currículos;
5. Na região Norte 10 currículos.

3.2 Otto Peters no Brasil: região

Diante dos dados evidenciados, os mesmos apontaram que a maior concentração de trabalhos sobre EAD em que mencionam o autor Otto Peters está concentrada na região Sul, com uma quantidade pequena de pesquisas.

EAD por Otto Peters	
Região	Quantidade
Centro-Oeste	1
Sudeste	1
Sul	6
Nordeste	0
Norte	0

Tabela 1 – Quantidade de pesquisadores em EAD que relatam Otto Peters

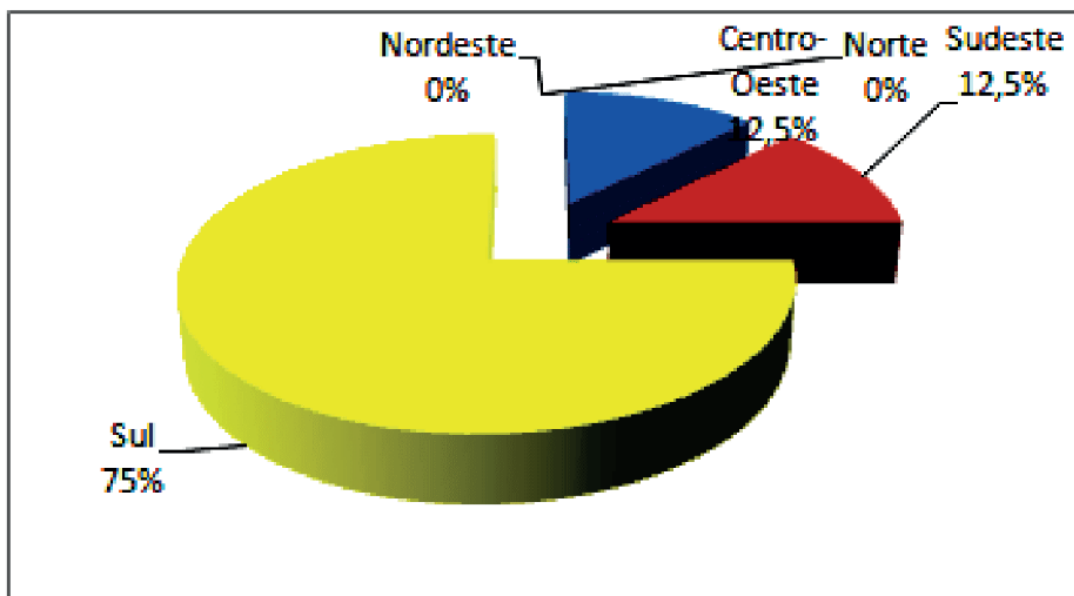


Gráfico 1 – EAD por Otto Peters

Estudos sobre “EAD Brasil” apontaram o maior percentual nos trabalhos também realizados na região Sul.

EAD Brasil	
Região	Quantidade
Centro-Oeste	23
Sudeste	31
Sul	79
Nordeste	14
Norte	10

Tabela 2 – Quantidade de currículos em EAD Brasil analisados por região

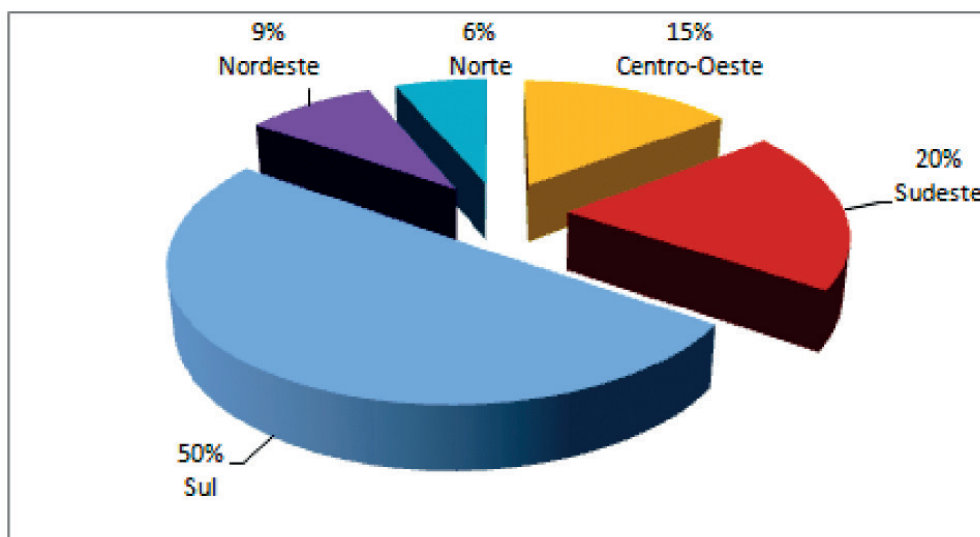


Gráfico 2 – Currículos em EAD por região.

Esses traços nos revelam que pesquisas realizadas no Brasil sobre Otto Peters ainda são pouco difundidas. O foco principal nos leva a crer que está concentrado na região Sul de nosso país.

As teorias de Otto Peters visam uma aplicação de forma fundamentada, se utilizando de fundamentação teórica, dentro de uma teorização concreta, centrada na Educação a Distância. De modo geral, a maioria dos teóricos em nosso país que tratam sobre o assunto, tais como Maria Luisa Belloni, Nelson Pretto entre outros, que já foram mencionados durante nossos estudos, tem sua preocupação voltada para sua dimensão política, ou seja, os modos como tal modalidade de ensino tem sido utilizada e desenvolvida.

As aplicações teóricas de Peters poderiam ser melhores exploradas por teóricos de nosso país, pois, sua teorização nos possibilita fundamentar as reais aplicações da Educação a Distância.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intencionalidade por uma teorização sobre a educação e ensino a distância, tornou o Professor Otto Peters (2004; 2006) uma das grandes referências sobre o assunto no mundo. Sua proposta didático-pedagógica, quando aplicada, independente de fatores sociais ou políticos, esse modelo de ensino e aprendizagem confiável e com bons resultados, se tornando uma solução solidária e igualitária.

Desde sua evolução, várias formas de ensino e educação a distância sofreram modificações, se adequando a realidade de cada momento, muitas vezes, auxiliadas com os meios tecnológicos existentes de cada época. Peters (2006) evidencia vários momentos, em diversos lugares, que nos mostra aplicações consistentes, teorizadas com resultados positivos. Em cada momento e em cada lugar, tiveram suas particularidades. Nem sempre o que teve bom resultado em um lugar correspondeu da mesma forma em outro. No Brasil, a existência de instituições de ensino, sejam públicas ou privadas, tiveram e ainda tem seu valor. Aqui, a não aplicação de uma política mais séria sobre o assunto acaba ainda gerando um pouco de incerteza sobre essa modalidade educacional.

Peters (2004; 2006) reflete sobre o diálogo, estrutura e autonomia, que se interagem dentro do ensino e aprendizagem a distância. O diálogo, nessa modalidade de ensino, trás a participação dos envolvidos, alunos e professores, que ativa e intensifica a reflexão sobre problemas científicos. Aqui, ele faz com que todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem podem trocar experiências, indo além dos meios físicos, utilizando de aspectos psíquicos, chamando a atenção para suas funções didáticas.

Sobre estrutura, o autor vê uma necessidade de se ter uma estrutura mais concreta, onde outros valores possam ser adquiridos à distância, devendo ser

assimilados, de modo reflexivo e interpretativo pelos alunos, pois seria importante não pleitear contra um fortalecimento dos elementos interativos e comunicativos da EAD. As reflexões de Moore também são de grande importância, pois complementa o raciocínio do autor. Moore (2007) considera a estrutura de ensino da EAD, como uma concepção de ensinar e aprender, diferente da concepção de aprendizagem dialógica quanto aos princípios e traços tradicionais de ensino.

O conceito de autonomia discutido por Peters (2004; 2006) nos mostra que, estudantes autônomos inseridos nesse processo de ensino e aprendizagem, devam estar em condições de gerenciar seus estudos, se utilizando de métodos educacionais, que complementam o ensino tradicional.

Pode-se verificar que as aplicações dessa teorização ainda é pouco explorada, muitas vezes, de forma elementar em nosso país, onde poucas pesquisas são realizadas e sua implementação em centros educacionais, poderiam ser melhores utilizadas. Com esses estudos, a intenção é que outros pesquisadores possam ver a possibilidade de enriquecimento sobre o assunto, que aplicado de forma séria, propicia resultados concretos e satisfatórios.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. **Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. Educação & Sociedade** vol.23 no.78 Campinas Apr. 2002

_____. **O que é mídia-educação. Polêmicas do nosso tempo.** Autores Associados. 3ª Edição, 2009.

_____. **Educação a distância: estado da arte.** In: Reunião anual da ANPEd, 21, Caxambu. Anais...Caxambu: Anped, 1998.

_____. **Educação a distância. Autores Associados.** 5ª Edição. 2010.

MEC, **Secretaria de Educação a Distância**, Decretos Nº. 5.622, 5.773, 6.303, regulamentadores do EAD.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a Distância, uma visão Integrada.** Cengage Learning, 2007.

PETERS, Otto. **A Educação a distância em transição.** Editora UNISINOS, 2004.

_____. **Didática do ensino a distância.** Editora UNISINOS, 2006.

_____. 2000, **Os conteúdos na reforma, Ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes.** Ed. Artimed. Porto Alegre (p.19-70).

RAMA, Claudio **Lá educación superior virtual en América Latina y el Caribe, Instituto Internacional de la UNESCO para la Educación Superior en América Latina.**

NUNES, Jorge Ramos, <http://www.artigonal.com/educacao-online-artigos/ead-no-brasil-e-em-goias-2786039.html>, acesso em 06/07/2010

http://www.cead.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=3 acesso em 13/03/11

<http://cead.pucgoias.edu.br/cead.html> acesso em 05 de março de 2012.

http://www.ciar.ufg.br/v4/index.php?option=com_content&view=article&id=24&Itemid=10
acesso em 05 de março de 2012.

SARAIVA, Terezinha. **Educação a distância no Brasil: lições de história**, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Publicações do INEP - Periódicos, <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1048/950>, acesso em 09 de março de 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelha sem ferrão 179

Adolescente 50, 145, 161, 196, 221

Alfabetização 71, 72, 82, 84, 85, 88, 89, 100, 120

Alimentação saudável 152, 154, 155, 157, 158

Analfabetismo funcional 71, 97, 99, 100

Aplicativos educacionais 97

Aprendizagem 9, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 46, 60, 61, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 74, 75, 82, 83, 85, 86, 88, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 134, 136, 138, 146, 150, 156, 167, 173, 184, 185, 187, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 204, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 231, 233, 238, 240, 241, 246, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265

Aprendizagem móvel 97

Autonomia 10, 37, 70, 73, 88, 101, 125, 126, 136, 150, 160, 161, 163, 164, 165, 171, 185, 195, 240, 255, 257, 260, 263, 265

Avaliação 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 35, 37, 47, 77, 83, 86, 88, 116, 119, 121, 128, 129, 134, 135, 136, 137, 139, 150, 162, 188, 196, 209, 227, 256, 258, 263

C

Cidadania 92, 133, 145, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 247, 251, 252

Conservação 92, 172, 173, 174, 175, 177, 180

Contexto escolar 15, 82, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 137, 138, 143, 160, 161, 167, 187, 194, 231

Criança 31, 42, 44, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 161, 167, 170, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 212, 213, 214, 221, 232, 234, 235, 236, 237, 238

Cultura escolar 128, 129, 130, 131, 134, 137

Currículo 29, 60, 62, 82, 83, 86, 87, 88, 89, 90, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 114, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 148, 151, 165, 219, 255, 260, 261, 262, 264, 265

Currículo adaptado 82, 83, 87

D

Desenho animado 172, 173, 174, 175, 177, 251

Design de inclusão 97, 102

Direitos e deveres 160

Docência 146, 147, 149, 150, 162, 184, 197, 198, 245

E

Educação contextualizada 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Educação inclusiva 9, 10, 11, 82, 83, 89, 151, 185, 186, 191

Educação infantil 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 243, 244, 245

Ensino 1, 10, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 46, 48, 60, 64, 67, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 92, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 167, 173, 174, 177, 178, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 217, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 243, 245, 247, 248, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

Ensino de biologia 14

Extensão 1, 26, 27, 32, 33, 35, 40, 41, 42, 47, 52, 61, 68, 77, 80, 91, 92, 93, 119, 120, 152, 153, 158, 225

F

Floração 179, 181, 182

Formação 4, 5, 10, 12, 28, 30, 34, 36, 38, 41, 64, 66, 70, 73, 74, 75, 82, 92, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 120, 121, 122, 136, 146, 147, 149, 150, 151, 161, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 207, 214, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 243, 244, 245, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 266

H

Hipertexto 104, 106, 107, 110, 111, 112, 254

I

Informática 92, 93, 95, 96, 107, 117, 120, 263, 265

Instrumentos avaliativos 14, 15, 18, 21, 22, 24

L

Leitura 27, 28, 29, 34, 35, 42, 44, 45, 46, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 97, 98, 99, 101, 102, 107, 111, 130, 167, 170, 211, 212, 225, 226, 228, 233, 235, 236, 238, 247, 258

Letramento 34, 35, 82, 84, 89, 103, 171, 247

Linguagem 2, 3, 5, 16, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 70, 71, 72, 73, 85, 87, 100, 101, 106, 107, 108, 112, 113, 114, 130, 137, 192, 205, 248, 249, 250, 253

M

Meliponicultura 179

Metodologias ativas 97

Metodologias de ensino 77, 200, 230

N

Narrativa mítica 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 113

P

Papilomavírus humano 49, 50, 51, 56, 57, 58

Percepções infantis 140

Pertencimento 30, 98, 136, 160, 163, 170, 244
Políticas públicas 9, 10, 153, 222, 236, 265
Práticas de formação continuada 146, 150, 237
Promoção da ciência 77
Promoção da saúde 152, 156, 157, 158

Q

Química forense 76, 77, 78, 80

R

Recurso polínico 179

S

Salas de recursos multifuncionais 9, 10, 187, 196

Software 92, 93, 120, 182, 227, 262

T

Tempo integral 140, 141, 142, 143, 144, 145

Terapia assistida por animais 39, 47

Texto 34, 35, 40, 58, 60, 63, 64, 67, 68, 73, 104, 106, 107, 110, 111, 115, 130, 138, 210, 213, 214, 228, 245, 250, 251, 254, 257

Transdisciplinaridade 39

V

Vacinação 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58

Z

Zoologia 172, 174, 177

